

cat

Na Luz do Entusiasmo Profissional

Coronel

JOSÉ MURILO BEUREM RAMALHO

A Revolução Francesa caracteriza a origem de existência do militarismo propriamente dito, pois se, antes, esse viveu e floresceu, não há dúvida de que até então, ante o mercenarismo imperante, as organizações militares eram heterogêneas, sem finalidade objetiva, com intenções as mais distintas (1). Sim, dominando nas Forças Armadas em alto grau os mercenários, que só à custa de bons pagamentos e constante e excelente alimentação julgavam-se aptos ao combate e à luta, não se podia deles usufruir a máxima eficiência e necessária combatividade.

Aquele revolucionamento invariável nas fases posteriores à Revolução Francesa foi-se mantendo até hoje, com breves interrupções que não lograram desviar o curso e trocar o sentido desse amálgama de homens e idéias em marcha.

Aquele ideal nitidamente de índole nacionalista, preponderante na Revolução militar (2), provocada por uma revolução social e política, é o que sentimos hoje nas instituições militares.

Os militares que são peças integrantes dessas instituições ímpares, foram-se desenvolvendo, aperfeiçoando-se através do desenrolar dos tempos, para melhor estarem aptos à realidade.

Hoje, vemos que a sociedade e o militar são mutuamente dependentes. Pelo acatamento à justiça, aquilatamos a civilização da primeira; pela austeridade no cumprimento do dever, avaliamos a moralidade do segundo.

E agora, não paramos ainda. Tendemos à evolução, queremos crer.

Somos responsáveis pelas contínuas missões, que recebemos, pelo que fazemos, pelo modo com que agimos e pela maneira com que nos apresentamos. E também uns irresponsáveis pelo que de mal possam ter gerado nossas decisões e conduzido nossas ações.

A nossa única e infinita satisfação reside na circunstância de saber que somos peças de uma máquina utilitária, produzindo algo de aproveitável e preenchendo as necessidades a todos nós impostas.

Prestando assistência e auxílio constantemente à Pátria, sem dúvida de que estamos sendo vantajosos, não somente à mesma como igualmente à coletividade. Colhendo benefícios com os ensinamentos e experiências da vida na caserna, é inegável que produzimos alguma coisa; isso faz com que cidadãos, ontem analfabetos, sem instrução e descrentes de si mesmos, hoje e amanhã possam não somente sentir que estão sendo vitais a si próprios como à comunidade inteira.

É o nosso rendimento canalizado para fins objetivos e produtivos.

Saber que somos a real força sob a qual dependem o destino do Estado e a vida de inúmeras vidas; saber que esse auxílio ou é prestado ou perecemos é, não duvidemos nunca, uma prova de que nos sentimos mesmo necessários.

Antes de ingressar na vida militar temos tido a oportunidade de perceber, palidamente, o que seja isto.

Temos, no entanto, procurado volver as costas? Certamente que não.

Alguns, posteriormente, deixam esta vida, ou devido às imposições legais ou devido à certeza que "ele" tinha de não poder combinar com o meio, meio esse puramente hostil à ociosidade, às preocupações materiais e à idéia de dissociação.

Quantas vezes não fugimos à sorte das horas, não escapamos

à rotina do nosso próprio labor, para melhor podermos executar nossa precípua finalidade? Que regalias nos têm sido concedidas?

Já pensamos que "também somos seres humanos?" Ora, inúmeras vezes.

Porém, o fato é que nos sentimos mais orgulhosos de nós mesmos, mais rijos e audazes quando, exaustos, fatigados intelectual e fisicamente, regressamos do terreno da ordem e do trabalho. A satisfação íntima explica isso. É ainda uma grande realidade que os que estão fora do nosso próprio mundo não compreenderam.

Nunca dizemos "farei", que é a sentença da vontade doentia e, sim, "faço", que é o atestado do homem à firmeza de conduta.

Algo nos fortalece, nos anima, nos conduz para a frente, que inúmeras vezes nos esquecemos dos momentos agradáveis, dos instantes felizes e nos distanciamos dos nossos entes queridos, para podermos dedicar com maior liberdade a nossa ajuda ao trabalho que não pode nem deve sofrer solução de continuidade.

Alguma coisa responde por isso. Não são os recursos financeiros (por Deus, não! — o próprio dinheiro não pode ser comparado com o valor do tempo, que nos é precioso, pois aquele volve e esse jamais).

Essa alguma coisa é uma força. É a força, que nos alimenta, é uma chama: o ideal de bem servir.

É a chama com que entramos na vida militar.

Ela se transforma em luz permanente à medida que vamos sentindo e pesando as tremendas responsabilidades que são inerentes às nossas tradições e razão de subexistir.

É a Luz que nos faz firmes, dentro do ofício e do sacrifício, que clareia o desejo de vigiar, de lutar e de vencer, de não fugir à tarefa que a todos nós está marcada.

Ela nos controla, nos disciplina, nos guia e nos conduz à sublimação através da escuridão do desânimo, da fraqueza e da vontade de não ter vontade. Sob sua guarda nossas esperanças se multiplicam e os nossos cérebros se tornam mais capazes de desquacionar os problemas, esse reflexo de inquietação, de segurança e do bem-estar comuns.

É a Luz que nos faz pensar e depois querer.

O ideal de manter incólume a integridade da Pátria é a Luz que permanece indefinidamente acessa em nossos pensamentos.

Acesa, ela faz com que nós vivamos para que outros possam viver.

Apagada, um véu nos encobre, turva os nossos desejos e ações para que outros escapem à nossa desinteressada e sincera cooperação e proteção.

E a Luz se apaga quando os nossos vestígios de entusiasmos estão apagados.

(1) Também é fato que, após a Revolução, o mercenarismo existiu, em doses restritas.

A campanha da Cisplatina é um exemplo típico.

(2) A Revolução Francesa deu causa a uma Revolução militar.

SOBRE A ORIGEM DA PROFISSÃO MILITAR

"Ocorria, de outra parte, que o trabalho nos campos e nas oficinas constituía missão pacífica, sem outros deveres além do labor diligente na produção indispensável. Os encargos do guerreiro porém criavam o dever do sacrifício pessoal extremo quando surgisse o imperativo da ação. Não tardou também que a sua primitiva tarefa relativa a um patrimônio material se ampliasse para a guarda de um acervo de ordem moral, espiritual e cultural, envolvendo já o conceito de glória e de honra.

Foi a aristocracia de guerreiros que começou a dar sentido definitivo aos povos e nacionalidades".

Theodorico Lopes e Gentil Torres in "Evolução Histórica".